

A despeito das complexas teorias desenvolvidas pela física e das inúmeras reflexões da filosofia sobre o conceito de espaço, todos nós temos, em nosso dia-a-dia, uma relação bastante pessoal com ele. Estamos imersos no espaço, nosso corpo o ocupa, movemo-nos e agimos nele. Concebemos um espaço interior, aquele que separa, irremediavelmente, o mundo de nós, e assim defendemos nosso espaço privado.

Criamos limites, constituímos fronteiras, estabelecemos territórios, e na tentativa de domar o espaço passamos a pensá-lo como lugar. Cada coisa em seu lugar, planejamos. Cada lugar com sua história, suas tradições e sua cultura. Para respondermos à indagação “onde?” criamos mapas. Já a resposta à “de onde?” garantirá a nós um lugar privilegiado ou nos relegará à insignificância.

Problematicar nossa experiência e percepção do mundo, levantando novas hipóteses e indagações sobre nossa relação com o espaço, tem sido a preocupação de inúmeros artistas atuais. Esta é também a questão central dos trabalhos apresentados nesta mostra **Acessos Possíveis**, com curadoria de **Iole de Freitas**, a despeito da grande variedade de abordagens e meios utilizados pelos artistas.

O espaço de **Célia Cotrim** é o de dentro de uma piscina – tema de sua série de fotografias, **Plugando o Sub**. Célia focaliza as marcas em forma de cruz, na parede azulejada. Seu processo de sobreposições, progressivamente, embaralha nosso entendimento das distâncias. As direções confundem-se. O ambiente azul, inicialmente sedutor, revela um espaço que nos mergulha na incerteza. Paradoxalmente, pontos de partida sobrepõem-se aos de chegada. As marcas de orientação na piscina tornam-se marcas de desorientação na imagem.

Cleone Augusto delimita seu espaço com pesadas placas de argila úmida. Ora feridas, ora acariciadas, suas superfícies registram a ação da artista sobre elas. Colocadas no chão uma de frente para a outra, suas formas orgânicas e instáveis lembram dois seres que se encaram numa relação indecifrável. Aqui tudo é fugidio. Ao secar, a argila irá se fragmentar e desmanchar – o tempo age. O carvão em pó, que mancha de negro o interior das placas e espalha-se pelo chão, parece indicar-nos o futuro informe da obra à medida que se torna pó.

Cristiane Geraldelli escolheu o Salão Nobre da EAV – sala exuberantemente revestida de mármore e com teto ornamentado. Lá, Cristiane dispôs três placas de espelho sobre o piso, forradas por folhas de ouro, abaixo das janelas laterais. Sobre estes, no lugar determinado pela projeção da estrutura das esquadrias, as folhas de ouro fixadas as reproduzem, transmutando assim sombra em luz. Aos poucos, soltando-se, as folhas vão despindo os espelhos de sua vestimenta dourada, revelando não a si, invisíveis ao olhar, mas aquilo que neles se reflete: a paisagem externa ou o ambiente em torno. Um jogo que problematiza o dentro e o fora, paisagem e arquitetura.

Frank Ostrower instalou seu trabalho no pátio interno do casarão. Uma corda, partindo da beira da piscina e refletindo-se no espelho d’água, sobe, em diagonal, até a sacada do terraço. De lá parece perfurar o chão e retornar, verticalmente, ao piso anterior, para sustentar em sua extremidade, à maneira de um fio de prumo, um cone invertido de cera. Abaixo deste, uma placa de espelho o reflete, prosseguindo virtualmente o percurso anterior. Um processo de afirmação de simetrias arquitetônicas e rebatimentos. Mas, o título da obra **O Beijo** parece surpreender o rigor geométrico e formal inicial. Ao fazermos então o percurso, percebemos com surpresa que o cone/falo após deflorar a mansão, como Narciso, beija a si mesmo, apaixonado por sua imagem.

Gabriela Noujaim apropria-se da imagem da famosa cena do filme de Ingmar Bergman, *O Sétimo Selo*, onde o Cavaleiro joga xadrez com a Morte. Diferentemente do filme, esta imagem está congelada. O jogo é suspenso. Em frente à imagem projetada, Gabriela pendura peças de jogo de xadrez, algumas pretas, outras transparentes. Estas peças movem-se sob a brisa de um ventilador. Suas presenças interferem na cena do filme de maneira aleatória, ora apagando-a, ora deixando-a ser vista – presença e ausência, vida e morte.

Ivani Pedrosa instalou seu trabalho na sala de reunião da Escola. Na grande mesa central, ladeada por cadeiras de espaldar alto, Ivani dispôs microfones que capturam as falas, comentários e indiscrções daqueles que entram no espaço. Como que para ordenar e medir os acontecimentos daquele ambiente formal, o som compassado de um metrônomo com sua regularidade monótona é ouvido. Esse conjunto de sons é então transmitido para outro ambiente, a sala de banho da mansão, onde a artista instalou diversos alto-falantes de tamanhos variados que, tagarelas, revelam os segredos captados no primeiro ambiente. Sem a alternância do diálogo, instaura-se assim um irreduzível descompasso entre aquele que ouve e aquele que fala.

As fotografias de **Luciana Guimarães** mostram um ponto de vista desconfiado diante de seus ambientes. Suas imagens transformam espaços comuns e impessoais em locais enigmáticos de onde emana uma estranha atmosfera. Cores irreais e imagens um tanto desfocadas acentuam este clima de sonhos. Seu olhar resabiado perscruta chãos, paredes e cantos, como que avaliando os riscos de prosseguir por espaços tão grandes e vazios, cuja escala e impossibilidade de identificação os tornam ainda mais ameaçadores.

Marcio Zardo trabalha com palavras. Sua dimensão visual e sonora é explorada pelo artista. Suas palavras são apresentadas solitárias, escritas em branco sobre fundo preto. Toda a série inicia-se pelo prefixo *IN* – privação, negação, e termina com o sufixo *VEL* – passível de. Ao lermos a seqüência, a repetição de *IN* e *VEL* faz surgir então a *impossibilidade de, a exclusão*. E então, damos conta de ver nosso reflexo nos vidros em frente às palavras. Espelhados, somos incluídos (*IN*, em inglês, dentro), encerrados no trabalho. Como um pêndulo, oscilamos num movimento de vai-e-vem entre o ver e o ler.

Desconstruindo Pollock é o projeto de **Marilda Rezende**. Ao retirar a pintura do cavalete, Pollock a transformou na arena de sua ação. Seu corpo agia literalmente dentro da superfície pintada. Este “estar dentro” da pintura motiva Marilda a criar uma instalação com fios e linhas como que projetando a pintura de Pollock pelo espaço tridimensional. A artista instala seu trabalho na escada de acesso ao terraço do casarão, espaço estreito que acentua a idéia de envolvimento.

A série de fotografias de **Marília Jaci** mostra imagens de antigos prédios, sempre vistos de baixo para cima. O deslocamento para o passado, marcado por suas características arquitetônicas, aponta para algo que se perdeu. A perspectiva intensificada pelo ângulo de observação das construções cria um movimento ascendente, dissociando cada prédio de sua localização original. Dispondo-as lado a lado, Marília constrói novas “vizinhanças” e bairros imaginários. O espaço finito das construções não pertence mais a ruas, toca agora, delicadamente, o infinito dos céus.

A instalação **Salto Triplo** de **Sônia Távora** ocupa o antigo cofre da mansão dos Lage. O observador, impedido de entrar no espaço por uma porta de grades, percebe que a projeção destas sobre o chão da sala é marcada por fita adesiva. Sobre elas, um poema foi inscrito, mas, como um murmúrio indistinto, ele é apenas vislumbrado. No fundo da sala, um espelho reflete nossa frustrada tentativa de acesso e a esperança vã de decifrar seu segredo.

Theresa Macintyre apresenta dois trabalhos - **Véu de Noiva** e **Encontro** - de sua série *Encontros* e *Desencontros*. Suas formas em ferro são constituídas de um delicado diálogo entre superfície e linhas. As últimas, sempre dinâmicas, contrapõem-se à estabilidade da primeira. Theresa não utiliza qualquer tipo de artifício técnico para proteger o material de seus trabalhos. A oxidação evidencia a passagem inexorável do tempo. A artista também não utiliza solda, seus elementos apenas se tocam, entrelaçam-se de maneira leve e sutil, expondo a vulnerabilidade de sua relação.

Luiz Ernesto
Outubro/2006

www.acessospossiveis.com

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Exposição dias 25 e 26 de novembro de 2006

Sábado das 17 às 22h e Domingo das 9 às 21h

Curadoria: Iole de Freitas

Artista Visual

Debate: Deslocamentos

Dia 25 de novembro de 2006, Sábado às 17h

Fabiana de Moraes

Curadora Independente, Professora de História da Arte e Produtora

Marisa Flório

Curadora Independente, Historiadora e Crítica de Arte

Reynaldo Roels Jr.

Crítico e Diretor da EAV - Parque Lage

Coquetel refrescante, Sábado às 19:30h

Texto: Luiz Ernesto

Artista Visual e Professor da EAV - Parque Lage

Acessos Possíveis é uma extensão do curso **Análise e inserção na produção contemporânea, de Iole de Freitas**, onde os artistas discutem semanalmente seus trabalhos

Arte gráfica por Eric Coutinho: www.ericcoutinho.com
Baseada em original de 2005 por Mariana Manhães
Foto: Sonia Távora



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE
Rua Jardim Botânico, 414 - Rio de Janeiro - RJ
21 2538-1091 e 2538-1879 - www.eavparquelage.org.br

Célia Cotrim

Cleone Augusto

Cristiane Geraldelli

Ester Bloch

Frank Ostrower

Gabriela Noujaim

Ivani Pedrosa

Lidia Peychaux

Luciana Guimarães

Marcio Zardo

Marilda Rezende

Marília Jaci

Sônia Távora

Theresa Macintyre

2006

Acessos Possíveis



FOTO: CRISTIANE GERALDELLI

Célia Cotrim
Plugando o sub

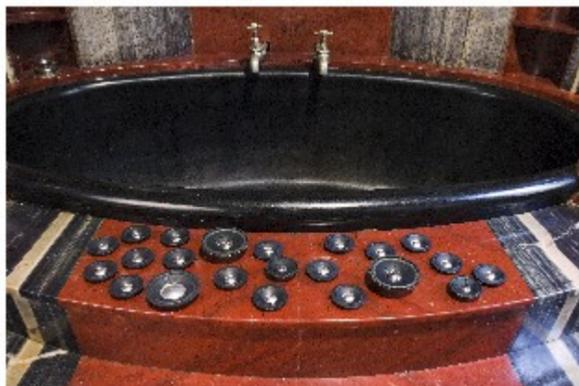


FOTO: MARIAN STAROSTA

Ivani Pedrosa
Espaço amplificado IV



FOTO: LUCIANA GUIMARÃES

Cleone Augusto
Sem título



FOTO: FRANK OSTROWER

Frank Ostrower
O Beijo



Gabriela Noujaim
As peças estão soltas



FOTO: OCTALES GONZALES

Marcio Zardo
Sem título



FOTO: MARILIA JACI

Marilia Jaci
Topografia do limite



FOTO: LUCIANA GUIMARÃES

Luciana Guimarães
Sem título



FOTO: CRISTIANE GERALDELLI

Marilda Rezende
Desconstruindo Pollock



FOTO: MÔNICA SERPA

Theresa Macintyre
Véu de noiva



Lidia Peychaux
Receita da memória

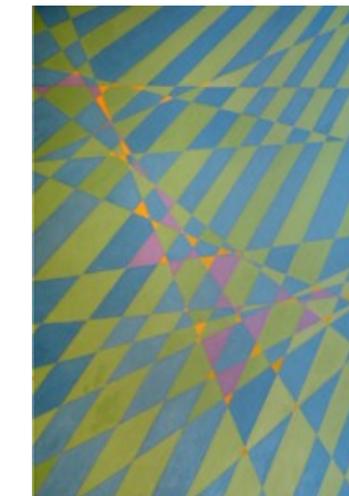


FOTO: SÉRGIO BLOCH

Ester Bloch
Sem título

Sonia Távora
Salto triplo

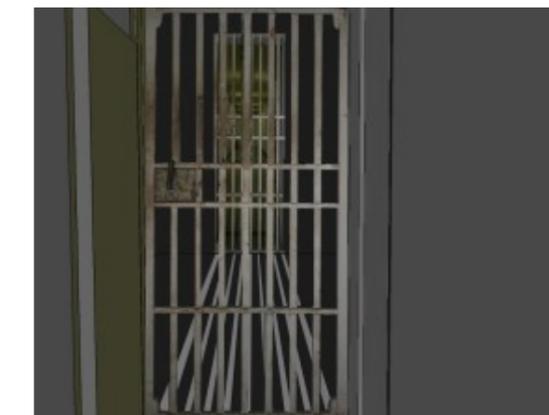


FOTO: SONIA TÁVORA



FOTO: CRISTIANE GERALDELLI

Cristiane Geraldelli
Sem título